

VII. Família

Sonia Altoé

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ALTOÉ, S. Família. In: *Menores em tempo de maioridade: do internato-prisão à vida social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 72-80. ISBN: 978-85-99662-95-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

VII. FAMÍLIA

A família considerada neste trabalho é aquela onde a mãe é a figura central, sobretudo, por prover o sustento e dispensar cuidados necessários à casa e aos filhos. É comum que a mulher se encontre sozinha. Mesmo nos casos onde há a presença de um parceiro, não existe um compromisso no sentido de assumir responsabilidade para com a família. No nosso estudo, é comum encontrar a figura da mãe ocupando o lugar do “chefe de família”. Conforme Donzelot, neste contexto, a mulher pode ser considerada nutriz, ou seja, uma pessoa, que não é necessariamente a mãe e que cuida da higiene e saúde da criança, bem como promove as condições básicas de subsistência (Donzelot, 1986, p.34). E o que se observa é que a mulher não consegue suportar o papel de nutriz e recorre ao Estado, através da FUNABEM, para que seus filhos tenham asseguradas as condições básicas de sobrevivência e escolarização. Desta forma, consideramos que a FUNABEM, criada pelo Estado em 1964, pretendia, além dos estabelecimentos filantrópicos, através de seus próprios internatos, assumir o papel da família, considerando o “fracasso” do papel da nutriz junto aos seus filhos.

Sobre a família dos ex-internos entrevistados, abordaremos a seguir as seguintes questões: internação e perda dos laços afetivos; negação do abandono; importância do apoio familiar e a família imaginária.

1. Internação e perda dos laços afetivos

A família do ex-aluno é caracterizada pela presença da figura materna, ausência da figura paterna e por uma prole extensa (3 ou mais filhos) que, em geral, não é do mesmo progenitor. Essa família enfrenta no seu dia-a-dia problemas, tais como: condições de moradia precária, renda familiar insuficiente e instabilidade do vínculo empregatício dos pais. Desta forma, cria-se uma grande dificuldade para a família ter suas necessidades básicas atendidas. Diante desta configuração familiar e das dificuldades materiais encontradas para a subsistência, a família busca a internação dos filhos.

Um outro fator que justifica a internação, segundo o depoimento dos ex-internos, é a preocupação de que os filhos possam se tornar marginais. Para eles, o fato dos pais trabalharem fora e os deixarem em casa sozinhos muitas vezes, os leva a um afastamento das atividades passando a perambular pelas ruas e estabelecendo relações sociais que os mantêm em contato com setores de marginalidade.

Estudos já realizados mostram que as normas rígidas de funcionamento do internato propiciam um enfraquecimento dos laços afetivos (Altoé, Rizzini, 1984, p. III) e, muitas vezes, ocasionam a ruptura. Não há por parte das autoridades institucionais nenhuma preocupação, sequer, em manter os laços fraternos (cf. Altoé, 1990). Esta pesquisa confirma os estudos anteriores, como veremos a seguir.

Mauro e Justino são irmãos internos na mesma época, que foram separados já na triagem (local onde as crianças são recebidas), onde foram encaminhados para internatos diferentes, perdendo o contato que mantinham até então. Eles mostram, em seu relato, como esta prática faz com que, pelo menos circunstancialmente, eles percam as referências memorialísticas do grupo familiar e mesmo um do outro.

J – Nós só chegamos a nos conhecer ... com esse problema de FUNABEM, teve uma época em que nós por termos ficado afastados, nós até esquecíamos que tínhamos familiares.

M – Eu nem me lembrava mais como é que era ele.

J – Eu no caso, eu realmente não me lembrava. Eu cheguei a encontrar com meu irmão. Foi por acaso. Nós estávamos no centro de triagem, aí nós nos esbarramos, demos um tranco um no outro. Aí nós nos olhamos assim, achávamos que nos conhecíamos. Aí foi quando o Veríssimo (terceiro irmão) perguntou o meu nome, quem era a minha mãe. Até que foi um encontro bastante emocionante pra quem passou séculos distante da família. Eu achei um fato interessante. (Justino, 17 anos; Mauro, 26 anos).

O que pudemos perceber é que esses jovens, por não terem família, vivenciam um intenso sofrimento e o abandono faz com que eles fiquem mais fragilizados frente às regras institucionais. Heraldo,

ao comentar sobre atos de violência dentro do colégio, coloca tal questão afirmando que não ter família significa falta de proteção.

– Mas, geralmente, batia muito, acontecia muito na pessoa que não tinha família. Aí, espancava mesmo, porque aí, com quem o aluno vai falar? Ele não vai falar com ninguém. Acontecia dele batê e de aluno ficá na enfermaria (Heraldo, 20 anos).

Com a internação, a família representa para o ex-interno o elo que o mantém vinculado ao mundo social mais amplo, proporcionando-lhe conhecimento da vida que se passa fora dos muros do estabelecimento. Este vínculo permite ao ex-interno discriminar o que lhe é ensinado pelos funcionários do internato.

– ... Aí eu discutia com ele (colega de internato) que não era nada disso, eu tava lá em casa, via o que tava acontecendo, via o que tava certo. Então eu falava: Não é nada disso, as coisas não é assim não, como esses caras (funcionários) bota não. (Heraldo, 20 anos).

Para o ex-interno, ter uma casa e uma família permite que ele obtenha conhecimentos acerca dos seus direitos.

– Aí eu deixei ele (inspetor) falar primeiro. Aí depois que ele falou eu comecei, quer dizer, eu tinha família, eu sabia dos meus direitos (Heraldo, 20 anos).

Esses jovens acreditam que a família também oferece subsídios para que eles possam se defender das constantes humilhações a que são submetidos dentro do internato.

– Até nisso tem a diferença. Além do mais o pessoal que não tem família ... Quando a pessoa tem família e xinga, faz alguma coisa, aí a pessoa diz, 'oh: Eu tenho a minha casa! Quer dizer, a pessoa fala assim, eu tenho casa, cara (funcionário), eu tô aqui porque eu quero, não é por causa disso não, é por causa de estudo que eu estou aqui, e não por causa de comida não, se eu tiver de ir pra casa hoje, eu vô hoje. Quer dizer, a pessoa tem a defesa e os outros não tem. Eles tem que abaixar a cabeça e andar. Quer dizer, a pessoa nunca que vai ser normal, a pessoa que leva vida, leva um tapa sempre assim desse jeito, nunca vai ser normal dentro do colégio (Heraldo, 20 anos).

O que se observa através dos relatos é que nos casos onde há um bom relacionamento entre interno e família, há formação de jovens críticos e capazes de pensar sobre as regras institucionais. Podemos considerar que este seja um dos motivos pelos quais não interessa ao internato que a família, já marginalizada socialmente, se faça presente. Observa-se, no funcionamento institucional, uma negação da existência da família e uma tentativa de assumir o seu papel, através da formação de um vínculo maior entre o aluno e a instituição. O internato passa, quase que exclusivamente, a representar a vida para o jovem, na medida em que nada mais lhe resta a não ser as vivências, enquanto aluno de colégio interno.

2. Negação do abandono

É comum que, na fala do ex-interno, a figura da mãe represente a família. Ela é considerada o símbolo de afeto e o contato familiar, mesmo que precário, transmite segurança e a possibilidade de obtenção de um apoio.

É comum o ex-interno viver a separação da mãe como um abandono. Este sentimento encontrado nos órfãos, e também nos que têm família, expressa, sobretudo, a dificuldade de compreender porque fôra afastado do convívio familiar. Ao mesmo tempo, ele entende o abandono como uma rejeição levando-o a perceber a figura materna como uma “estranha” e de quem ele nada pode esperar.

Os ex-internos que de fato são abandonados, isto é, aqueles que não têm qualquer referência familiar, empenham-se na busca de uma família, que consideraremos posteriormente como imaginária. Ao que nos parece, a família é preservada pelo ex-interno como forma de negação do abandono por ele vivenciado.

Entretanto, para o ex-interno, cujo contato familiar foi preservado, a separação é percebida como uma “falta irreparável”. Para este jovem, o internato não consegue jamais substituir a família, no que ela representa de afeto e carinho.

Veremos a seguir que o ex-interno, não sendo capaz de suportar o peso do abandono, busca em sua história familiar justificativas várias para tal atitude dos pais.

O ex-interno, mesmo aquele que é órfão, acredita que sua família pretendeu com a internação proporcionar-lhe um tipo de vida, que não teria acesso se permanecesse junto a ela. Assim, alguns consideram que ter sido internado foi a “melhor coisa” que lhes aconteceu. Contudo, esses mesmos jovens também criticam a internação ao perceberem que no internato não encontraram o que supõem que a família possa oferecer, ou seja, uma relação afetiva. Esses jovens se mostram insatisfeitos com a separação e acreditam que os pais deveriam ser mais cuidadosos para não abandonarem os filhos.

Eliza, jovem de 19 anos, interna aos 4 anos de idade e que manteve um contato familiar precário, manifesta em seu relato a ambivalência acima explicitada:

– Bom, é que se você (mãe) botou no mundo não pode largar assim, pelo menos isso eu penso em não fazer. Porque era uma situação esquisita para mim. Pôxa, se ela colocou a gente ali porque não podia criar, para quê que teve mais filhos? Por que teve tanto filho já que não podia criar? Eu lembro que a impressão que eu tinha era assim – de que ela tinha filho e largava lá e aí ficava livre. Aí, arrumava mais. Eu tenho uma irmã agora que não deve ter nem um ano e é capaz dela colocar lá também neste asilo.

Porque não fiquei tão revoltada com a separação, porque fez bem, entendeu? Porque se não fosse assim, eu acho que poderia ser pior. Ah, porque a vida que a minha mãe leva não é nenhuma maravilha. Ela tá com três filhos pequenos agora com ela, financeiramente não está bem. Eu não queria ter ficado com ela.

Acreditamos que um estudo mais aprofundado sobre esta questão poderá mostrar com mais clareza a dor e os reflexos psicológicos que causam no indivíduo a separação dos pais. Acreditamos que a negação do abandono aqui analisada é uma forma de lidar com os sentimentos dolorosos advindos do abandono¹⁷.

¹⁷ Ser abandonado, não se refere somente àqueles que são órfãos. Rizzini, 1984. p. 17, faz uma reflexão interessante sobre esta questão.

3. Apoio familiar

Para o ex-interno, a família representa o ponto principal de apoio e referência. A ligação afetiva com a família, mesmo que deteriorada, propicia-lhe moradia e alimentação possibilitando, assim, condições para que possa se deslocar na cidade em busca de trabalho. Além disto, a rede de relações sociais que a família mantém, facilita a entrada deste jovem no mundo do trabalho.

– Aí teve problema de emprego. Aí comecei correndo daqui, correndo dali, mas eu já sabendo que a minha mãe trabalha de empregada doméstica e o patrão dela arrumou um trabalho para mim. Quer dizer, eu tava correndo atrás de trabalho, certo! Agora, tava certo em vista da minha mãe que arrumou, né (Heraldo, 20 anos).

Quando o ex-interno vive o afastamento familiar durante a internação de forma muito dolorosa, o retorno à família, no desligamento, torna-se muito difícil. Para este jovem, os familiares são vistos como pessoas interesseiras, que nada têm a lhes oferecer e que querem conduzir sua vida.

– A única coisa que eu tenho medo se eu fosse procurar (a família) é deles quererem interferir na minha vida. Atrapalhar tudo, no meu trabalho. Achar que a gente tem a obrigação de ajudar em casa, se é que nunca me ajudaram, nunca me deram apoio (Edvaldo, 26 anos).

O que pudemos perceber e que coincide com o estudo de Valadares, 1985, é que a volta à casa é vista como uma atitude interesseira dos pais, em especial da mãe. O ex-interno acredita que sua vida está se encaminhando razoavelmente e que seus familiares só estariam interessados em explorá-lo.

O jovem órfão, por não dispor de qualquer referência familiar, e aquele que por algum motivo não volta para a casa dos pais, é encaminhado para uma pensão, custeada pela FUNABEM durante três meses. Este tempo, como vimos anteriormente (ver Desligamento), é considerado suficiente para que o ex-interno possa se movimentar e conseguir um emprego, que lhe possibilite pagar aluguel, alimentação e transporte. Porém, este jovem considera que a pensão não consegue desempenhar o papel da família, na medida em

que se encontra completamente desprotegido, sem ter quem o apoie e oriente. O ex-interno, então, se dá conta do seu total abandono. É um momento muito difícil para ele e de enorme sofrimento.

– Todo o pessoal da FUNABEM que não tem familiares vai para uma pensão e fica ali de graça durante 3 meses, que é o prazo pra você pagar o aluguel. Muitas pessoas tão nessa bola de fogo, até hoje não conseguiu trabalho e tá morando na rua (Ronaldo, 20 anos).

A instituição inculca nos internos uma mensagem ambígua sobre sua família. O que pudemos observar é que no internato é veiculada uma desvalorização da família, por parte dos funcionários, considerando-a incapaz. Esta incapacidade é justificada pela internação e abandono dos filhos.

– Eu me lembro de uma coisa que falavam lá (internato) e que marcou, né. Eles falavam muito que a família que a gente tinha, só tinha que aceitar porque não tinha mais jeito, o importante era a família que a gente ia construir. Isso foi uma coisa que ficou forte (Eliza, 19 anos).

Apesar de, durante toda a fase de internação, a mensagem institucional que é passada ao jovem ser de desvalorização de sua família, na fase do desligamento, esta mesma família, ou qualquer relação de parentesco é valorizada. O contexto, portanto, no qual ela é valorizada, refere-se muito mais às necessidades organizacionais, como já indicamos. Face ao desligamento, a família se torna o único ponto de apoio na vida social, ponto de referência este, tão desvalorizado pelas autoridades institucionais até então. O interno se vê, portanto, tendo que mudar a representação inculcada pela instituição. Frente à pressão de ter que se desligar, ele valoriza e anseia pelo reencontro familiar. Este reencontro, entretanto, quase sempre se dá em meio a muitos conflitos, como indicamos anteriormente, e enfatizamos aqui, por mais um agravante que é esta mensagem contraditória, que a instituição utiliza conforme os objetivos que quer alcançar.

Após o desligamento, alguns ex-internos se empenham na busca da família de origem que nunca conheceram. Outros, veem a constituição de sua própria família como uma forma possível de

inserção social. Esses dois caminhos, encontrados por esses jovens, denotam a importância que a família desempenha em suas vidas.

É comum aos ex-internos a idealização da família de procriação. Eles acreditam que esta família lhe dará o tão sonhado afeto, e que só serão capazes de formar uma família quando se encontrarem em condições reais de darem aos filhos tudo que sempre desejaram e não puderam ter. A ideia de internação de um filho é inadmissível e rechaçada como uma tentativa de evitar que sua história familiar se repita.

Podemos notar nas entrevistas, que o estado de abandono em que estes jovens se encontram ao sair do internato faz com que, muitas vezes, sintam necessidade imediata de constituir uma família. Com o tempo, o ex-interno descobre que uma família significa muito mais do que ser exclusivamente fonte de afeto. Assim, alguns acabam por se separar implicando no sofrimento de mais uma perda.

– Eu namorei uma menina e no final eu casei. Por isso que eu digo, eu casei sabe por que? Por causa de carinho. Tudo isso e depois, logo, uns três; quatro anos eu me separei e outra pedra por cima. Então, eu digo para você isso, que eu sou um cara assim até hoje. (Luis Carlos, 24 anos).

Neste estudo, o que se percebe com maior nitidez é que o apoio familiar é representado como muito importante na fase de adaptação ao meio social, logo após o desligamento. Apesar de todos os conflitos, quase todos os jovens anseiam pelo reencontro familiar. Alguns fazem um empenho real nesta busca, outros expressam simplesmente o desejo, sem conseguir equacioná-lo. Outros ainda pretendem realizar esta busca através dos meios de comunicação, porém, somente depois que alcançarem “sucesso profissional”. É interessante observar também, que alguns recriam a família imaginariamente e se referem a ela como existindo de fato.

4. Família imaginária

Como vimos anteriormente, a referência familiar é fundamental para o interno. A busca desta referência persiste de forma silenciosa durante todo o tempo de internação, ou de maneira

mais clara quando encontra psicólogos ou assistentes sociais que lhe escutam. No desligamento, esta busca se torna ainda mais importante para muitos – aqueles que ainda não desistiram de encontrar uma família – pois mesmo que a instituição tenha funcionado como uma “segunda família”, no desligamento, ela perde esta função.

Percebemos, então, que para aqueles que não têm qualquer referência do grupo familiar, se evidencia uma busca imaginária deste referencial. Isto se expressa através da afirmação da existência dos pais e a volta à casa quando, na verdade, sabem que foram abandonados no internato desde pequenos. A criação da família imaginária nos parece ser um intento de lidar com o sentimento doloroso do abandono, tentando negá-lo.

Um caso significativo que nos chamou atenção, e que poderíamos considerar como uma bem sucedida busca da família imaginária, é o de Claudionor. Este jovem, em sua busca, afirma ter encontrado sua família verdadeira, que foi reconhecida, enquanto tal, através do “sentimento”. Posteriormente ele não se adaptou a esta família e saiu em busca de outra. Acabou por encontrar uma segunda família que o adotou e passou a denominar os seus membros como pai, mãe e irmãos.

A conclusão principal que consideramos importante, é que, através da busca da família, o indivíduo está buscando suas referências, sua origem. ‘Como sabemos, no internato, ele é privado muitas vezes dessas referências familiares, que são consideradas somente do interesse da burocracia – os dados são mantidos inalcançáveis nos prontuários. Se esta reivindicação não tem a atenção dos funcionários do internato e aparentemente se toma de menor importância, percebe-se, entretanto, que ela é preservada e se mostra viva nos indivíduos ao serem desligados.